

PROTOCOLO ABRE PORTAS A NOVOS MERCADOS

Altice quer dar asas às empresas da região

ECONOMIA A Altice Portugal, a Altice Labs e o Centro de Empresas Inovadoras acabam de assinar um acordo com vista ao apoio e à abertura de mercados para as novas empresas.

João Carrega
joao.carrega@reconquista.pt

Altice Portugal, Altice Labs e Centro de Empresas Inovadoras de Castelo Branco (CEI) assinaram um protocolo de colaboração que possibilitará as empresas criadas no CEI o acesso a novos mercados e o apoio por parte daquela operadora a projetos em curso. O acordo foi assinado na última sexta-feira pelos presidentes das duas entidades (Alexandre Fonseca, Alcinó Lavrador e Luís Correia, respetivamente) depois de uma visita e de breves apresentações de algumas das empresas criadas naquele Centro.

Alexandre Fonseca, presidente da Altice Portugal, fala em "trazer a vertente de inovação. Este protocolo vai disponibilizar o nosso know-how, os nossos engenheiros, a nossa experiência e a abertura dos nossos mercados, que são 10 dentro do Grupo Altice, para estas startups. No fundo, trazemos uma forma de as fazer voar". Com este acordo, "a Altice disponibilizará o know-how



Vários projetos inovadores foram apresentados à Altice oportunidades. Possuímos um conjunto de startups que trabalham muito bem. Esta é uma vertente que queremos apostar, pois fixa pessoas e cria empregos. A realização deste protocolo e a possibilidade das empresas poderem dialogar com o presidente da Altice é muito importante. "Estamos empenhados em reforçar este tipo de

ra de Castelo Branco, Luís Correia, esta é uma janela de oportunidade. "Todo o ecossistema empreendedor que tem vindo a ser criado, tem um forte impacto na economia da região e promove o emprego qualificado (...). Temos um conjunto de empresas ligadas às novas tecnologias e a ciência. Isto demonstra que em Castelo Branco há

Alexandre Fonseca falou do investimento que está a ser feito no interior do país por parte da Altice.

"Uma parte importante dos mil e 200 milhões de euros está a ser aplicada em infraestruturas e vamos continuar a fazer esses investimentos no interior do país, levando fibra ótica a locais menos densamente povoados, onde nenhum outro operador investe, dotando estas populações de igualdade de oportunidades em relação às que estão nas grandes cidades".

O presidente da Altice falou ainda do desafio que o grupo faz às empresas e aos estudantes. "Temos um

prémio inovação Altice, que atribui 50 mil euros a startups ou 25 mil euros a estudantes universitários. Temos mais de 80 candidaturas e vamos levar vencedores para dentro de todos os mercados Altice em zemos, também ao interior, é a partir da qualidade de vida que estas regiões têm, garantir a conectividade e o seu crescimento".

Mas, no entender de Alexandre Fonseca, "inovação e conhecimento não se fazem sozinho. Fazem-se com as autarquias, com os políticos e universi-

Lab queremos garantir, no interior do país, a mesma igualdade de oportunidades, na criação de competências digitais e na área da tecnologia".

O presidente da Altice recorda que através da empresa 98% da população portuguesa tem rede móvel 4G e mais de 99% tem rede 2, 3 ou 4G. "Haverá sempre bolsas não cobertas. Esse 1% também nos preocupa. Mas garantir essa conectividade nessa margem da população é uma responsabilidade do Estado. Nós somos um operador privado e estamos a fazer o que nenhum outro operador privado tem feito".

Já na "na rede fixa de fibra ótica temos mais de quatro milhões e 200 mil lares cobertos. Estamos a aproximar-nos de em 2020 termos cinco milhões e 300 mil lares portugueses cobertos com fibra ótica, o que fará de Portugal o primeiro país da Europa com

a 100% população coberta com fibra ótica".

FOGOS Alexandre Fonseca lembra que após os incêndios do ano passado, a Altice reestabeleceu todos os serviços. "Todas as situações que dependiam de nós, estão resolvidas desde o mês de abril. A Altice Portugal não só reabriu todas as redes como apostou em todos aqueles concelhos afetados em redes de fibra ótica. Não nos podemos esquecer que por fazer isto de forma voluntária e proativa estamos, muitas vezes, a ser confundidos com aqueles que têm responsabilidades de garantir o serviço universal de comunicações fixas, e que por isso recebem mais 1,5 milhões de euros do Estado português".

Alexandre Fonseca diz que, por vezes, "o regulador desconhece a realidade do interior do país, uma zona que foi profundamente impactada com o fenómeno da emigração. Por isso, hoje temos agendamentos para a colocação dos serviços para julho, agosto ou setembro, que é nessa altura que as pessoas regressam à sua terra".